



PULPITO DO COLLEGIO DE SANTO ANTÃO.

NOVEMBRO 1, 1856.

Vol. V.—3.ª SERIE.

C. M. L.
 GABRIEL
 DE L. JUOS
 OLIVEIRA

O PAGEM DA RAINHA.

Romance.

II

DEVER E AMBIÇÃO.

Era precioso o tempo, para que podessem tão dedicados filhos paralyzar-se em face da escolha d'uma estrada que podesse salvar o seu paiz; e por isso em breve D. João se assentara na magnifica cadeira d'espaldas que lhe estava destinada no topo da sala espaçosa e rica.

—Precêdestes-me, dizia o filho de Theresa Lourenço, nas horas em que viestes; antecipastes-me na reunião de que tanto carece a nossa causa commum, mas não podem arder-vos no peito nem mais finos desejos, nem mais destemida coragem.

E na fronte magestosa e bella do rei de boa memoria transluzia todo o entusiasmo que, brilhando em Aljubarrota, conquistaria a independencia.

—A ponto chegastes, senhor, começava D. Gonçalo, porque tratando da santa causa que Deus depositou em nossas mãos, sempre sereis de aprasível chegada. E D. Gonçalo olhava todos os cavalleiros, como se houvesse entre elles um proposito ajustado, mas que não era de facil apresentação, e que devera dirigir-se ao filho de D. Pedro, mas vendo que todos se calavam tomou a sabia resolução de continuar. O vosso nome, senhor, é o primeiro que nos salta ao pensamento em taes empenhos, porque é nos vossos braços principalmente que Deus depositou quanto havemos, e quanto podemos ainda haver pelo futuro.

—Sim, é verdade, dizia o Mestre, repassado do mais vivo reconhecimento pelo cavalleiro que assim depositava n'elle tantas esperanças, que eu heide pugnar esforçadamente para que salvos sejamos todos, e conosco Portugal. Poder que eu possa, dizia ainda baixo. As armas voltadas do meu brazão real, continuava o bastardo, se me tiram a ventura de poder velar pelo engrandecimento d'um tão denodado povo, ao menos concedem-me que possa desembainhar a espada n'um campo de ardida peleja, dão-me a força para ser, bradava o Mestre ligando este santo dever aos impulsos que lhe prescrevia a ambição que lhe provinha do regio sangue que lhe gyrava pelas veas, um destemido soldado. Crêde: se a rainha resistir aos nossos rogos, se pelos seus labios fallar o conde d'Andeiro, o senhor D. João, legitimo filho de meu pae, é o nobre e leal chefe que nos deve conduzir ao campo e á victoria, que o Deus do poder deve ás causas da justiça.

—Para nós, bradou D. Ruy, os loiros dos heroes ou as corôas do martyr.

—Attendei, diz D. Gonçalo, é muito o que dizeis, porém não basta. Se a regente illudir todas as nossas esperanças sois vós que nos conduzireis á felicidade.

D. Alvaro, que tinha escutado longamente o senhor que já era eleito pelos animos de todos, não se demorou em fallar tambem, e começou:

—Não esqueçaes, senhores, que além das supplicas, e das rogativas que podemos levar aos pés do throno restam-nos ainda as ameaças.

—Que quereis dizer? tornava o Mestre, não comprehendendo o que diziam as palavras do cavalleiro.

—Digo, proseguiu o guerreiro, que aquella carta interceptada ao mensageiro da rainha, aquella car-

ta dirigida ao conde, contém um segredo ante a revelação do qual deve estremecer D. Leonor.

E todos fizeram, senão por movimentos, por palavras ao menos, um signal d'assentimento.

—Não poupeis esforços, é força emprehender os meios todos, que sejam dignos e nobres, depois virá em auxilio o derradeiro.

—É a carta em nosso poder. Dizia um dos cavalleiros.

E o Mestre d'Aviz tirava do cinto do jubão de côr escura e sem bordados, a carta de que tanto esperavam os bons dos senhores portuguezes, e desdobrando-a cautelosamente, manifestava-lhes bem o cuidado com que fóra guardada até então. Era claro o que de importancia extrema por elles lhe era ligado.

—Eil-a; disse o que o futuro deveria ver rei dos portuguezes.

—Bem vêdes, continuava D. Gonçalo animando-se agora novamente, e cobrando alentos novos para a realisação esperada do seu pensamento; bem vêdes que pode um simples papel destruir as esperanças criminosas da mulher adúltera. Apresentar-nos-hemos todos, mas se as rogativas, se as lágrimas nada forem em face do coração que não dobrou aos requebros do amor mais santo, appellaremos no delirio d'um justo desespero para o campo das armas. N'este instante ergueu-se D. Gonçalo, e apertava com uma das mãos a sua rija espada, estendendo a outra como em signal da promessa que fazia de ser verdade em sua consciencia quanto disse aos seus amigos. Antes succumbir por não ter forças, do que succumbir ociosos como damas caprichosas nos seus estrados doirados. Viver na deshonra é d'infames. A mais alta precisão que hoje nos faz tremer é a d'um chefe que nos alargue os caminhos da gloria. Não há quem o duvide.

E um brado geral d'approvação eccoou nos ouvidos do nobre, dando ao seu esforço uma nova coragem; e por isso rico de força inesperada continuou ainda:

—Ninguem pode negar o que vos digo, e eu quero merecer o legal reconhecimento de ter escolhido para a patria o defensor de que ella carece, e que no espirito de todos da nobreza foi eleito já. Aqui o tendes. E designava o Mestre d'Aviz, que via realizados ali os seus desejos, mas não podia o seu sincero amor pelo paiz deixar-lhe que não tremesse diante do futuro. Amigo, sereis o nosso defensor, sereis o defensor de Portugal. Crêde, continuou ainda o cavalleiro, crêde que vos seguiremos até á morte. E interrogando todos que o escutavam attentos, mas que interessados mais no olhar de D. João d'Aviz, porque d'elle dependia o porvir que era de feito duvidoso e negro, só a elle olhavam, proseguiu insistindo no seu proposito e dirigindo-se ainda aos senhores que o rodeavam. Dizei, respondei se não acompanhareis D. João até á victoria ou até á morte?

E um brado unanime alevantou o mais santo orgulho no animo do senhor rei de Portugal.

E voz em grita todos bradavam:

—Comvosco ou a morte no campo das derrotas, ou a gloria no campo das victorias.

—Attendei, dizia o Mestre nobremente; e não era menos o receio do empenho, do que o desejo da grandeza, mal posso acceder ao pedido de tão valentes e esforçados ricos-homens. Quem pudera quebrar as cadêas que de rojo arrasta a patria. Ainda mal que mal o posso. Devo a meu pae o não ter-me deixado na obscuridade, e ainda a realeza de que me glorio, mas cingindo-me a facha da bastardia, é por ella

que os meus animos se abatem, porque paralyzados querem mostrar os meus desejos. Oh! se eu visse ceifar pela voz das batalhas d' independencia a mulher que ceifou os dias do pobre irmão, exultaria por tal!... mas se muito o desejo, mal o posso... as forças faltam-me.

D. Ruy, que o escutava, e que muito cria no defensor dos direitos do senhor D. João, que se achava em partes afastadas, não tardou em rejeitar os receios do heroe d'Alubarrota.

— Olhae, senhor, que representaes nossas esperanças, disse elle, que jazem amortecidas no soffrimento e na dôr; vós, sangue real do real sangue de Pedro o Justiceiro, sois quem em suas mãos sustenta os destinos dos portuguezes. Vereis a terra em que nascestes, a terra que vos é patria e mãe, miseravel, e soffrendo tudo, soffrendo todas as infamias que nos opprimem, vereis tudo de sangue frio e de frente socegada?... Oh! não, senhor, não, que o não podeis.

— Moderae-vos, meu valoroso amigo, o vosso patriotismo leal, a vossa dedicação para comigo podem ir acordar o rancor e o odio que tem adormecido no peito da regente; — dizia o filho de D. Pedro — de ha bem pouco que Deus tem na sua santa guarda elrei meu irmão.

— E de ha bem pouco tambem, atalhou D. Gonçalo, impellido pelo seu nobre esforço de amor pela sua terra; que morreu Portugal sem uma taboa de salvação a que se apegue. Vos sois a unica estrella que scintilla no ceo sombrio do destino portuguez; em vós está todo o nosso futuro, não nos abandonareis, não. Nunca aprendestes dos vossos avós a ser covarde. Attendei, senhor; — e D. Gonçalo tomava, defendendo a patria, todo o nobre enthusiasmo que pela defesa d'uma mãe dedicada anima um filho — por João Fernandes Andeiro tivestes ordem da rainha de irdes hoje ao paço. Pensae bem. Que pode querer de vós sua real senhoria, senão afastar-vos da côrte? Vereis, D. João, — e pronunciava vagarosamente estas palavras — vereis que as primeiras palavras da rainha dirigir-se-hão a lançar-vos para bem longe de Portugal. Vós sois a mais rija barreira que tem a derrubar para sustentar-se no solio portuguez. Desconheceis o vosso poder. D. João, D. João, — e cobrava D. Gonçalo alentos novos — no momento em que a patria geme, e carece d'auxilio, não lh'o negueis barbaramente. Querem fazer-vos governador d'uma provincia, mas crêde, hãode chamar-vos depois para verdes a vossa e a nossa deshónra, a vergonha de nós todos, para verdes o fugitivo da Hespanha carregado das maldições do povo, mas sentado no solio d'Affonso Henriques: é esse o vosso logar, é o logar que vos compete. O povo é a nação, o povo portuguez é Portugal, e é elle, e somos nós que vol-o damos: O senhor D. João, captivo na Hespanha, não pode salvar a patria. O senhor infante D. Diniz tomou armas por Castella. Só restaes vós salvador d'um povo.

D. João, o valente Mestre d'Aviz ergueu-se, e apertando a mão do bravo cavalleiro, assim fallou:

— Não sei recuar, a patria chama, irei aos seus brados. Em meu nome vos asseguro, denodados campeões, que o Mestre d'Aviz em demasia presa o nobre encargo dos nobres e valentes senhores. Vou empenhar-me n'uma luta de sangue e de morte. Heide resgatar a terra em que nasci.

E era o Mestre, magestoso e sublime, como o genio das batalhas, pairando sobre a desmoralisação, e ditando a independencia; e depois elle continuava, animado pela mesma força:

— Ou heide sair victorioso, com a fronte ornada pelos loiros da victoria, ou heide succumbir gloriosamente, legando á posteridade os brilhos da minha honra e do meu valor.

— Muito bem, senhor D. João, bradou D. Alvaro, Deus que a todos ouve recebeu essa promessa, as edades futuras pedirão conta do que n'este momento dissestes.

— Vamos ao palacio: disseram algumas vozes.

— Vamos: disse o Mestre.

E no momento de partir, pensando na mulher de D. Fernando, disse quasi em voz baixa:

— Leonor, Leonor, uma luta de morte vae ser travada entre nós! Ai d'aquelle que fôr vencido!

E todos se dirigiram aos paços reaes.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

Sacrario.

Seguiremos, fallando do admiravel e magnifico sacrario, que havia n'esta igreja para a composição do qual adrede se mandou vir de Roma um celebre ourives da prata, Frederico Aluisco, que sendo allemão de nascença, por aquelles tempos se achava em Roma. Uma das condições do partido com que veiu a Lisboa foi durar o contracto por sete annos, não levantando elle mão da obra n'este espaço de tempo, nem podendo os padres despedil-o.

Principiou o artista por modelar a obra em cera, a qual depois de examinada por pessoas intelligentes foi julgada magnifica. Approvada ella, deu-se-lhe principio, e a 3. de dezembro de 1706, festa de S. Francisco Xavier, se collocou no altar-mór a banqueta de prata lavrada.

No meio da banquetta se assentou depois o sacrario. Era um globo de cobre doirado, e fixa na porta do globo havia uma sacra de prata, evitando-se por este meio que para abrir o sacrario, e tirar d'elle o Senhor, se removesse a sacra.

Por baixo da porta viam-se dois serafins prostrados, venerando o Senhor, e muito louvam os manuscritos que temos consultado a perfeição com que o artista executou a imagem de Christo, de dois palmos de alta, e á qual serviu de modelo outra de Miguel Arcangelo.

A imagem era de prata, e do mesmo metal o rotulo da cruz, e seus remates. A cruz era de metal doirado.

Pulpito.

Resta-nos fallar dos pulpitos que era obra maravilhosa pelo artificio e grandeza.

Esta magnifica obra de architectura foi feita alguns annos depois de concluida a igreja. É uma das peças mais elegantes que temos visto n'este genero.

Sobre uma gloria de tres anjos, perfeitamente lavrados, levantava-se um ornato no genero corinthio, tudo de marmore branco, servindo de base a uma pedra azul, sobre a qual assentava outra encarnada, sobreposta egualmente de outra branca.

D'este corpo nascia o segundo, que era uma elegante bacia de pedra azul, tendo nas extremidades salientes de cada lado a cabeça de um anjo. Havia no centro d'esta bacia um engraçado relevo de marmore branco, symbolisando a caridade em duas cabeças de anjo sobrepostas a um escudo, com as insignias da Companhia. Esta bacia formava o corpo chamado propriamente pulpito.

De cada lado da porta que dava entrada para o pulpito saíam misulas com elegantes ornatos, formando a voluta que sustenta o sobreceço. Estas volutas que eram de marmore branco, vinham também a rematar em cabeças de anjos.

Serviam as volutas de pedestaes ao sobreceço, que era um quadro de marmore azul, tendo em relevo pela parte inferior o Espirito Santo symbolisado em uma pomba, e varios ornatos, tudo a marmores de cores.

Era a cupula, ou remate do pulpito uma lindissima gloria com abundante profusão de anjos, que fazem uma elegantissima perspectiva.

A nossa estampa representa o pulpito do lado do evangelho, no estado em que actualmente se acha, faltando-lhe o emblema da caridade, que occupava o centro da bacia e que ha menos de um anno veiu a terra. Dentro em pouco vaer ser arrancado.

O pulpito do lado da epistola está todo destruido por effeitos do tempo. Só existe a peanha onde assentava a bacia.

Os pulpitos foram esculptura de João Antonio de Padua, italiano, que teve por debastador a Pedro Antonio Luquez, que depois passou para ajudante de Giusti em Mafra.

Carneiro.

No anno de 1848, ao entrar um carro para as obras que se faziam no hospital, das quaes esta arruinada egreja então servia de deposito, abateu o terreno logo ao entrar da porta principal. Encontrou-se ali um carneiro, cujas paredes correspondem ás prumadas das columnas que estavam adiante do guarda-vento. Tem o carneiro quatorze palmos de altura, e é coberto com abobada. Encontraram-se-lhe ainda restos de caixões e ossos.

O carneiro serve hoje para deposito de agua de chuva, que se applica á rega das arvores, e caldeação dos materiaes para as obras. Esta applicação poupou a despeza do jornal de duzentos e quarenta reis diarios a um homem para tirar da cisterna a agua para a rega.

As grandes lages que estavam collocadas no pavimento por baixo do zimbório, e que era o lugar onde se enterravam os padres que morriam no Collegio, como acima dissemos, também foram ha pouco encontradas profundamente soterradas.

Os dois apostolos que dissemos existirem mutilados na primeira capella da esquerda á entrada da egreja, foram ha poucos annos encontrados a doze palmos de profundidade do chão.

Torres.

Resta-nos agora, para concluir com o templo, dar noticia das duas formosas torres que lhe adornavam o frontispicio. Uma que alluiu pelo tremor que houve em 1807, foi por essa epoca apeada, mas com pouco recato, e por isso se perdeu muita da sua excellente cantaria. A outra, vendida para Inglaterra, como já dissemos, foi cautelosamente desmanchada,

sob a direcção do architecto Francisco Antonio de Sousa. Devemos a este uma memoria que n'essa occasião se encontrou no fecho da sineira, mettida n'uma caixa doirada. A memoria diz assim:

«Principiou este Collegio de Santo Antão, e Egreja, e Convento em 1575, e deu-se por prompto em 1655, aonde gastou a mão d'obra oitenta annos; e pelo terramoto de 1755 foi demolida a parte principal d'este grande edificio, não se tornando mais a reedificar.»

Como se collige d'esta memoria, e do sitio extraordinario onde foi collocada, conhece-se que a referida torre, que era a do occidente, também foi damnificada por aquella occasião, e reparada.

É ainda ao mesmo architecto Sousa que somos devedores do unico desenho do alçado da egreja, que apresentaremos n'este jornal. Tinha-o de seu pae o architecto das tres ordens militares, Manuel Caetano de Sousa, que foi o encarregado, quando se extinguiu a Companhia, de afeiçoar o edificio para hospital.

Entremos na descripção das torres.

Sobre a cimalha real se elevava um corpo formado dois largos pedestaes, e no vão que havia de um a outro, estava collocado um relojo.

Sobre esses pedestaes levantavam-se de cada lado duas columnas, ou o corpo columnal.

Sobre o vão do relojo formava-se a sineira com o seu competente arco semicircular.

Coroavam-se as columnas por uma cimalha geral retendida, ou para melhor dizer reintrante, para ir descansar sobre o arco da mesma sineira.

Havia a cupula sobre a cimalha, e se compunha d'um corpo amisulado, com um oculo a centro, e este ornado. Era o sobredito corpo recto em parte, e parte curvo a centro; descansava nas duas columnas que olhavam para o centro, assim como dois grandes fogareos que assentavam sobre as outras duas columnas lateraes.

Rematava a cupula um segundo corpo aquartelado, com um oculo a centro, e nos dois lados tinha dois pequenos fogareos em figura de globo com pequenas bases, sendo o remate do corpo dito um globo proporcional á mesma peça, terminando na figura d'um gallo, e sobre este uma cruz.

Havia de singular na construcção d'esta peça, como se deve julgar que seria o mais que lhe diz respeito, o combinar por tal forma o corte das pedras de cantaria, que se não achou nas sobreditas torres um gato de ferro ou bronze, o que é usual em todas d'este genero.

Quem seria o architecto d'este magnifico templo? Não o achamos mencionado. Ha comtudo uma tradição de que foram os proprios padres, do que não duvidamos porque entre elles havia homens aptos para todos os mesteres.

Noticia da fundadora d'este magnifico templo.

N'este ponto copiaremos uma das chronicas manuscritas a que nos havemos reportado n'este trabalho.

«A fundadora do magnifico templo do Collegio de Santo Antão o novo foi D. Filippa de Sá, filha de Mendo de Sá, terceiro governador que foi do estado do Brazil, fidalgo de conhecida nobreza, o qual assim das lettras que seguiu, como das armas que exercitou, soube dar tão boa conta, que el-rei D. João o III pelo conhecimento que de suas partes tinha d'elle fiou o governo do estado do Brazil, e foi o ulti-

mo governador que para elle despachou; e posto que a patente se lhe passou em Lisboa no anno de 1556: mas havendo occasião para dilatar a partida a veio a retardar tanto, que veio a chegar á Bahia no anno de 1558, em que tomou posse do governo, em que se portou com tanta christandade, justiça, valor, e prudencia em todas suas acções, que pela satisfação que de seu governo tiveram a rainha D. Catherina, o infante Cardeal, e el-rei D. Sebastião, o conservaram n'elle por espaço de quatorze annos, tempo que se não tinha concedido a nenhum dos seus antecessores, nem se concedeu a algum dos que até agora governaram aquelle estado, que elle pelas boas letras que tinha não só governou com justiça, mas como bom capitão o defendeu com valor, passando da Bahia ao Rio de Janeiro com uma armada muito inferior ao que requeria a empresa a que foi, em que se houve com tanto esforço, com tanta industria, e boa ordem militar que pôde expulsar do Rio de Janeiro aos francezes que ali se tinham fortificado, de maneira que ajudando com a arte a fortaleza natural do sitio parecia impossivel podel-os expugnar e lançar do lugar em que estavam, o que felicissimamente conseguiu o governador Mendo de Sá.

«Foi o referido successo de grande importancia, e como tal mui estimado em Portugal, aonde se conheceu bem que se a empresa não tivera tão prospero fim, não só se perderia para sempre a importantissima praça do Rio de Janeiro, aonde já os francezes estavam unidos com os indios, e os tinham por amigos em odio dos portuguezes, cuja conservação no Brazil haviam de perturbar, e inquietar. E para que assim não succedesse foi obrigado Mendo de Sá a tornar outra vez ao Rio, que totalmente alimpou de francezes destruindo seus amigos, e confederados os Tamoyos.

«Como pelo bom governo na paz, e bons successos na guerra el-rei deteve tanto tempo no governo a Mendo de Sá, teve elle commodo para com beneplacito d'el-rei fundar um engenho na visinhança da Bahia, para o qual sem queixa, nem agravo de alguém soube escolher sitio, e terras tão a proposito para crear as cannas que o engenho foi estimado pelo melhor de todo o Brazil, e ainda hoje com estar diminuido de muitas terras que foi necessario vender, se reputa por um dos melhores que ha na visinhança da Bahia, celebre ainda agora, e muito conhecido com o titulo de Sergipe do Conde, resultou uma grande renda á casa de Mendo de Sá, á qual se juntou tambem outro engenho, posto que não tão importante fundado na capitania dos Ilheos, e com o rendimento d'estas duas fazendas no Brazil juntas outras que Mendo de Sá tinha no reino veio D. Philippa de Sá a ter um dote tão grande, que a pretendeu por mulher D. Fernando de Noronha, conde de Linhares, mas como elle morresse sem filhos tornou ella a recuperar o grande dote com que tinha casado, com que ficou sendo uma das viúvas mais ricas que havia em Portugal.

«E n'este estado se retirou da cidade para uma quinta que tinha onde chamam Telheiras, e ali dando-se a Deus, e a santos exercicios, tomou por padre espiritual ao licenceado Antonio d'Albuquerque, prior da igreja de S. João do Lumiar, varão espiritual de sciencia e prudencia, ao qual lhe deu conta a dita senhora, de como promettera a Deus de com as suas riquezas lhe dedicar um templo mui sumptuoso, ao qual desejava ajuntar um mosteiro de freiras.

«Ouvio com attenção a proposta da condessa o padre seu confessor, e louvando o desejo que tinha de dar cumprimento a seu voto lhe pediu licença para considerar a qualidade da promessa, e o modo mais conveniente de se descarregar de sua obrigação, e tornando depois de considerado tudo bem lhe propoz que os padres da Companhia do novo Collegio de Santo Antão se achavam ainda n'elle sem igreja, e que a obra do novo collegio merecia bem um mui grandioso templo, como ella condessa desejava fazer, e que para isso lhes não faltava aos padres muita largueza do sitio.

«Não tinha a condessa até aquelle tempo tracto algum, ou communicação com os religiosos do Collegio de Santo Antão, nem com outros da Companhia».

Até aqui o necessario da Chronica para darmos noticia da fundadora, e de como aquella obra se levou por diante. Agora bastará dizer que a condessa apresentou por unico obstaculo o desejo de que na sua igreja houvesse côro para missas cantadas, e como os padres não usavam côro não poderia ter cumprimento o seu desejo, salvo se consentissem que os capellães que desejava instituir o podessem cantar na sua igreja.

Os padres, consultados pelo confessor, responderam que as constituições da Companhia não prohibiam que capellães seculares cantassem no seu côro as missas que se dissessem na sua igreja.

Ajustadas pois entre os padres e a condessa as condições, se lavrou escriptura em 25 de setembro de 1612; porém esta foi annullada a contento de ambas as partes, e se lavrou segunda em outubro do mesmo anno.

Foi uma das condições da escriptura que acabada a igreja e sacristia, se fizessem junto d'ella duas casas para morada de doze capellães, entre os quaes haveria um com o titulo de deão, superior a todos no tocante a côro, e ao cumprimento das mais obrigações que ella deixaria.

Outra condição era haver todos os dias no altarmór uma missa cantada de canto-chão, e em certas festas, de canto de órgão: um capellão com o titulo de mestre de canto, com obrigação de leccionar tambem os estudantes do collegio que quizessem aprender o canto.

Mais haveria cada dia cinco missas rezadas por alma d'ella fundadora.

Os capellães teriam além do ordenado, e casas sufficientes, medico, cirurgião, sangrador, botica, e barbeiro.

Que para ajudar ás missas haveria tres meninos com os seus ordenados, medico, cirurgião etc.

Deixava seiscentos mil reis cada anno para sustento dos moradores do collegio, e quatrocentos mil reis de renda para despeza de cera, azeite etc.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

INVOCAÇÃO

Archanjo da poesia, vem dos astros
 A lyra inspirar sentidas trovas!
 Revela-me esses canticos, que os anjos
 Em torno do Senhor cantam alegres!
 D'esta lyra, a ti, anjo, consagrada
 Tira um canto d'amor, do fundo d'alma
 Que voando no ar, e ao ceo erguido
 As aras do Senhor chegue fulgente

Dá-me os hymnos d'amor puro e celeste,
Que ás plantas de Leonor suspira o Tasso!
Que eu possa nas horas da saudade,
Minhas crenças d'amor, da patria crenças;
Com suave soffrer, saudoso enleio
Em lagrimas pintar, pintar em risos!
Da patria... cala, cala, ó minha lyra,
Não ergas o sudario do cadaver,
Que Portugal não ouse já chamar-lhe!...
Do seu grande valor só resta o nome.
Não tenho nobres cantos de victoria,
Mas lagrimas sentidas no sepulchro
Como filho amoroso hei-de votar-lhe!
Archanjo da poesia, vem não tardes,
Ergue no peito meu fulgente chamma:
A minha mente eleva, a ti consagro
Os meus cantos d'amor, de liberdade!
Inspirado por ti, por ti valente
De loiros immortaes cingida a fronte,
As portas transporei da eternidade:
No regaço dos anjos meigo somno
Contente dormirei. Potente archanjo,
Por ti um Deus serei, serei poeta!
Nada valem meus canticos sentidos,
Sou pobre trovador, vate sem nome,
Porém sendo da patria amargos prantos,
Inspirações d'amor, do amor mais terno,
Os assumptos lhes conferem a valia,
Que o meu nome sem nome lhes negava!
Archanjo da poesia, vem nas horas,
Que as vastas solidões cantam saudade,
Que as estrellas attestam scintillantes
Velar no firmamento um Deus eterno,
Vem dar aos cantos meus, força gigante;
Abraçar-me na terra, archanjo santo:
Vem dar-me a inspiração pura, esplendida
Que aos poetas do mundo has tributado,
Que em harpas de Siam brilham cadentes.
D'amor e liberdade são meus cantos
Se n'elles ao meu Deus votei a crença
Por elles um Deus serei, serei poeta;
Galhardo, e santo e puro, e meigo e bello.
Archanjo da poesia, a ti minha alma.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

O LYRIO.

Formoso innocente lyrio
Na campina o solio tem,
Foram impios arrojal-o
A sociedade tambem.
Ai! flor triste de saudade
Porque roubar-te d'além?!
És a flor do sentimento,
Vives só do soffrimento,
Nada vens fazer aqui!
Nem martyrio, nem saudade,
Nem goivos, nem violeta
Como tu soffrem a dôr;
E ao coração do poeta
Fallam taes fallas d'amor.
Sempre funebres e tristes,
Querem a morte apontar;
Na resignação em que existes
Queres a Job retratar,
Sorrindo a tanto rigor?!
O martyrio triste canta
Do Christo a dôr, e levanta
A voz, dizendo — chorae! —

Falla sentida a saudade
Do riso e pranto da idade
Que morreu, que já lá vae!
Funebre o goivo na loisa
Do passado é triste voz;
Na violeta só repouso
Chorada magua d'amores
De que as rosas foram dores
Dos espinhos vindo apoz!
Ai! que vens fazer aqui,
Não te adora aqui ninguém;
Sómente o sorrir d'escarneo
A tristeza insultar vem;
Ao pranto que não se esconde
O scepticismo responde
Co'as gargalhadas que tem;
Meu lyrio, deixa a cidade;
Que é tremenda a sociedade
Crê na voz d'esta verdade.
— Não te adora aqui ninguém! —
Estes risos, estas festas
São falsas, mentidas são;
Vivem rosas nas florestas,
Vive o fel na multidão!
Involto de mil enganos
Estes sorrisos profanos
Não iam nunca insultar-te,
Meu lyrio, na solidão!
Aqui soberba e vaidosa
Ergue a fronte altiva a rosa,
No seu vaidoso sorrir!
Porém eu não sei ama-a...
Porque a rosa só me falla
Dos tropheos que conquistára
N'um sorriso enganador!
Ai! não a invejes, meu lyrio,
Não a invejes porque a rosa,
Hade murchar-se pendida
E hade saber que tem vida
Por soffrer da morte a dôr;
E na campa nem um pranto
Plantará triste saudade;
Que a rosa vivendo tanto
Não viveu nunca d'amor!
Ai! meu lyrio, como é santo
Em face da eternidade
Resar aos pés do Senhor!
E escutando no jazigo
Sentir as cinzas do amigo
Agradecer tanto amor.

E tu, donzella formosa
Formoso lyrio que amei;
Deixa as vaidades da rosa
Ama a tristeza sentida
Do luto que alenta a vida
Dando os affectos por lei.

Archanjo, ama comigo, ama a saudade,
Ama o triste sentir do róxo lyrio;
Que o sentimento é Deus, é a verdade,
A corôa de Jesus foi de martyrio.

Eu amo a pobre flor quando vaidosa
Flôres de tanta côr brilham aqui,
Ella triste, e modesta e lacrimosa
Viuva d'alegrias não sorri.

E eu amo a pobre flor, quando esmaltada
Do orvalho da manhã, sorri a Deus;
Amo a espelho do sol, quando orvalhada
Reflecte linda e pura os raios seus.

E eu amo a pobre flor, quando sósinha,
É mimosa, e roxa, e triste no jardim,
Que symbolo do luto, é a rainha
Da tristeza e da dor que vive em mim.

E eu amo a pobre flor, porque me acalma
Ver tanta resignação n'um tal penar;
Porque eu leio na flor o luto d'alma
Que a dor e o soffrimento faz trajar.

E eu amo a pobre flor, quando a procélla
A faz vergar na terra... ali... findar!
Não vae ali ninguém soffrer com ella,
Uma lagrima ninguém lá lhe vae dar.

Meu anjo, ama comigo, e na orphandade
Adora a pobre flor, adora o lyrio!
Ama a dor, e o soffrimento, ama a saudade!...
A corda de Jesus foi de martyrio.

Junho de 1855.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

Continuação.

CARTA XVIII.

SALÃO ORIENTAL — D. JOÃO V E ODIVELLAS — CONVER-
SÃO DE UMA INGLEZA VELHA; SEU ENTERRO.

29 d'agosto de 1787.

Achava-me desmedidamente encalmado; desperdici toda a manhã no meu mirante, cercado de fidalgos com seus chambres mui garridos, e de musicos vestidos de roxo, com largos chapéus de palha á semelhança de bonzos ou talapões, parecendo tão queimados do sol, ociosos, e negligentes, como os habitantes de Ormuz ou Bengala; de forma que a minha companhia assim como o aposento offerencia a mais decidida apparencia oriental; por exemplo, o divan levantando-se poucas polegadas acima do soalho, as gelozias doiradas das frestas, as cristalinas regueiras manando de um tanque logo debaixo d'aquellas, e que constantes supprems as fontes da rocha nativa.

Agradavel variedade predomina na minha sala asiatica; metade das cortinas ostentam as mais ricas dobras; outra metade são transparentes e derramam jucunda claridade sobre a esteira e sophás; grandes e luzidos espelhos multiplicavam a profusão das armações; alguns dos meus hospedes não se enfastiavam de andar de canto para canto observando os differentes grupos de objectos reflectidos por todos os lados nas direcções menos esperadas, como se phantiassem ser admittidos por encanto a espreitar por um labyrintho de camarins magicos.

Um individuo da sociedade, malicioso velho, italiano e clérigo, que tinha saído da sua terra natal antes que o celeberrimo terremoto derrubasse pelos alicerces mais de metade de Lisboa, disse-me que se recordava de um aposento, boa amostra n'este mes-

mo gosto; isto é, adornado de espelhos e cortinas, uma especie de palacio das fadas, que communicava com o convento de freiras de Odivellas, tão famigerado pelo piedoso retiro d'aquelle exemplar de magnificencia e santidade, o rei D. João v! Deleitosos dias ahi passou o monarcha, e os favorecidos companheiros das suas devoções.

«De que serve (acrescentou mui judiciosamente o padre mestre) a gaiola mais formosa sem passaros que a avivtem? Se tivesses ouvido a celestial harmonia das reclusas do rei João, nunca vos terieis contentado no vosso primoroso pavilhão com o esgançamento dos sopranos e os roncões dos rabeções. A suavidade, refiro-me áquellas puras vozes, saindo do sagrado asylo recondito, onde não é dado penetrar ente humano masculino á excepção do monarcha, produzia um effeito de que ainda me lembro extasiado, posto que já lá vão bastantes annos. Quatro dos nossos mais abalisados cantores, dois de Veneza e dois de Napoles, attrahidos pela liberalidade verdadeiramente regia, acrescentaram tudo quanto o gosto consummado e a sciencia podia prestar ás mais excellentes vozes de Portugal: o resultado foi a perfeição.»

Aguilar, que viera jantar connosco, cuja mãe quando no viço da mocidade e belleza fôra a miudo convidada áquellas edificantes assembléas, confirmou todas as maravilhas que o velho italiano narrara, e acrescentou não pouco e com as mesmas vivas cores e n'um estylo e tom tão extravagantemente entusiastico, que se eu fosse a repetir só metade das esplendidas anedotas com que me brindou ácerca do illimitado zelo e magnificencia de D. João v, a vossa imaginação ficaria completamente deslumbrada.

Exactamente ao levantar-nos de jantar para a mesa do *desser*, posta no terraço fronteiro á rua principal do jardim, entrava o abbade Xavier apregoando a admiravel historia da conversão de uma ingleza phytica e nada creança, que achando-se em vespas de despedir-se do mundo, ao que parece, requerera um padre para confessar-se e abjurar seus erros de toda a casta. Acontecendo alojar-se na hospedaria de Cintra, de que era dono um dos mais fervorosos catholicos irlandezes, os louvaveis desejos da senhora foram expeditamente satisfeitos, e Mascarenhas e Acciaoli, e mais outros dois ou tres padres e mosenhores, chamados para ajudarem a esta boa obra.

«Grande tem sido (exclamou o abbade) o nosso regosijo por este motivo. N'esta mesma tarde o idoso anjinho será sepultado em triumpho; Marialva, S. Lourenço, Asseca, e outros muitos da principal nobreza, concorrem para tornar mais apparatuso o acto; creio que vireis comigo e acompanhareis o prestito?»

«Com a melhor vontade (respondi), e ainda que não gosto de funeraes, como esse de que fallaes é tão festivo, posso fazer uma excepção.»

Partimos, transportados tão velozmente quanto o podiam as parellas d'excellentes machos, para que não chegasse tarde á funcção; muita concorrencia de povo havia diante da porta; n'uma das janellas estava o grão-prior resando o breviario, e em ar contemplativo, como quem desejava ver-se d'ali cem leguas. Subi as escadas e immediatamente me fizeram roda o velho conde de S. Lourenço e outros devotos, inundando-me de congratulações. Mascarenhas, um dos mais conspicuos membros da sé patriarchal, chapado hypocrita e doutor ascetico, foi-me apre-